



INSPIRAÇÕES DAS “MULHERES DE LESBOS”: A IMAGINAÇÃO ENCARNADA NA DEFESA DE DIREITOS HUMANOS DE MULHERES LÉSBICAS NOS CÍRCULOS

Clarissa De Franco*

RESUMO

O artigo aborda algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade. A partir da metodologia junguiana, que trabalha com a compreensão dos fenômenos por meio dos símbolos e da imaginação encarnada, o texto traz como inspiração as “mulheres de Lesbos” e a poesia de Safo para amarrar tais iniciativas, a despeito de também reconhecer os estigmas e preconceitos que ainda são produzidos e mantidos em alguns destes espaços.

Palavras-chave: Círculos sagrados, lesbianismo e espiritualidade, imaginação encarnada

INSPIRATIONS FROM “WOMEN OF LESBOS”: THE IMAGINATION EMBODIED IN THE DEFENSE OF HUMAN RIGHTS OF LESBIAN WOMEN IN SACRED CIRCLES

ABSTRACT

The article discusses some initiatives to defend the right to experience homosexual love of lesbian women and the right to belong to groups linked to the Sacred Circles of Women and also collectives that associate self-knowledge and spirituality. Based on the Jungian methodology, which works with the understanding of phenomena through symbols and the incarnated imagination, the text is inspired by the “women of Lesbos” and the poetry of Sappho to tie such

* Professora do Programa de Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Psicóloga, doutora em Ciências da Religião, com Pós-Doutorado em Estudos de Gênero. clarissadefranco@hotmail.com .



initiatives, despite also recognizing the stigmas and prejudices that are still produced and maintained in some of these spaces.

Keywords: Sacred circles, lesbianism and spirituality, incarnate imagination

INSPIRACIONES DE “MUJERES DE LESBOS”: LA IMAGINACIÓN ENCARNADA EN LA DEFENSA DE LOS DERECHOS HUMANOS DE LAS MUJERES LESBIANAS EN LOS CÍRCULOS SAGRADOS

RESUMEN

El artículo aborda algunas iniciativas para defender el derecho a experimentar el amor homosexual de las mujeres lesbianas y el derecho a pertenecer a grupos vinculados a los Círculos Sagrados de Mujeres y también a colectivos que asocian autoconocimiento y espiritualidad. Basado en la metodología junguiana, que trabaja con la comprensión de los fenómenos a través de los símbolos y la imaginación encarnada, el texto se inspira en las “mujeres de Lesbos” y la poesía de Safo para vincular este tipo de iniciativas, a pesar de reconocer también los estigmas y prejuicios que existen. todavía se producen y mantienen en algunos de estos espacios.

Palabras clave: Círculos sagrados, lesbianismo y espiritualidad, imaginación encarnada

1. INTRODUÇÃO

O termo “lésbicas” é uma derivação linguística que envolve a história das “mulheres de Lesbos”, uma ilha grega localizada no mar Egeu. Estas mulheres constituíram, entre os séculos VII e VI a.C., a primeira academia de mulheres na qual se produzia poesia, dança e música – atividades consideradas masculinas para a sociedade grega antiga (Sandra BOHE-RINGER, 2007). Safo, a mais conhecida das “mulheres de Lesbos”, foi uma poetisa reconhecida que declarava amor às suas companheiras e foi chamada por Platão de “a décima musa” (Lettícia LEITE, 2017).

Embora Safo tenha escrito sobre amor e sexualidade de uma maneira ampla, a pesquisadora Lettícia Leite (2017) afirma que há menções diretas em fragmentos de seus textos e de textos posteriores que indicariam seu homoerotismo. Ela cita o excerto da ode de número XIII, do segundo livro de Horácio, e também dois trechos da XV carta



que compõe as Heroides de Ovídio, em que Safo é representada como alguém que rememora seus amores por jovens mulheres.

Tomamos emprestada a imagem das mulheres de Lesbos e da academia artística das companheiras que acessaram a vida pública reservada ao universo masculino para refletir sobre corpo, lesbianismo e círculos sagrados em uma chave de interpretação da Psicologia Analítica, que tem sido discutida em fóruns, publicações e eventos ligados ao movimento das Lesbianas Junguianas. As Lesbianas Junguianas são um coletivo de mulheres lésbicas latino-americanas com formação e publicações na área de Psicologia Analítica e que se articulam entre Argentina, Chile, Uruguai, Colômbia, Brasil, entre outros países latinos. O grupo se organiza por meio das redes sociais¹ e também possuem uma publicação, chamada Fuga: Revista Junguiana de Psicologia, Género y Culturas Dissidentes².

Por opção política, decidimos utilizar nesse trabalho o termo junguiano do espanhol: “imaginação encarnada” – e não “imaginação ativa”, como está em português – por entendermos que a corporificação é um conceito feminista (Donna HARAWAY, 1995). A Psicologia Junguiana tem por método a compreensão dos fenômenos a partir dos símbolos que deles emergem, considerando a amplificação do símbolo como caminho de produção de conhecimento (Eliane PENNA, 2014) e a sensibilidade, os afetos e as imagens são conteúdos de exploração científica. Imaginação encarnada ou imaginação ativa (Carl JUNG, 2013) refere-se basicamente à possibilidade de dar vazão à criatividade diante de um símbolo ou uma imagem que emerge do inconsciente a partir de determinado tema ou situação. O diálogo com o símbolo ou a imagem por meio de criação com arte, dança, música, desenho, teatro, poesia, permite ampliar os caminhos simbólicos, auxiliando nos processos psicológicos de elaboração, integração e cura emocional. Nesse trabalho, o caminho junguiano permitirá destacar e desdobrar alguns símbolos, imagens e mitos ligados às mulheres lésbicas que têm sido amplificados em espaços espirituais como os círculos sagrados.

¹ <https://www.instagram.com/lesbianasjanguianas/>, acesso em: abr. 2022. e <https://www.facebook.com/LJgrupodeactivismo/>, acesso em: abr. 2022.

² <https://revistafuga.home.blog/>, acesso em: abr. 2022.



Portanto, o artigo se propõe a apresentar algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade, levando em conta as inspirações das “mulheres de Lesbos” e da poesia de Safo. Dividimos o texto em dois itens, além desta Introdução, das Considerações Finais e Referências, que são: 1. Explicações teórico-metodológicas do artigo: a imaginação encarnada no universo sacralizado das lésbicas, no qual apresentamos o caminho da Psicologia Junguiana para o universo de aproximações que aqui se desenham; e 2. Inspirações das mulheres de Lesbos, em que destacamos algumas iniciativas que têm incluído as lésbicas nos círculos sagrados e coletivos que unem espiritualidade e autoconhecimento.

2. EXPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ARTIGO: A IMAGINAÇÃO ENCARNADA NO UNIVERSO SACRALIZADO DAS LÉSBICAS

O meu Machado de Labrys³, vai ficar na memória
Fazendo você entender um pouco da nossa história
da ilha de Lesbos, a poetisa Safo,
sou Salzikrum a filha Macho
criadas pra lutar contra a lesbofobia
hoje são muitas guerreiras nesta correria
intolerante a qualquer tipo de racismo
se for pra brigar ai deixa que eu brigo
linha de frente atravessando todas as cidades
fazendo a lésbica ter visibilidade

³ “Labrys em grego significa “dupla acha”, dupla lâmina, machado duplo. Arma ou instrumento, era utilizada pelos povos das Amazonas. Das profundezas da história humana, em torno de 7000/6500 a.C, nos planaltos da Anatólia – Turquia de hoje –, em Çatal Huyuk, (talvez a primeira aglomeração humana registrada), a imagem da dupla lâmina estava associada aos cultos do feminino, às imagens da Deusa, criadora de todas as coisas”. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys26/labrysbr.html>. Acesso: maio de 2022. A explicação foi retirada do artigo de Lettícia Batista Rodrigues Leite: LEITE, Lettícia Batista Rodrigues. Quando a “décima musa” inspira raps e tambores: dos usos políticos da figura de Safo por vozes lésbicas e feministas no Brasil contemporâneo. *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v. 2, n. 2, 2017. p. 572.



uma mulher que ama outra mulher
e merece respeito por que sabe o que quer
a minha mente engatilhada causa terrorismo
estou pra acabar de vez com o machismo
atrevida e que arrasta multidão
pode me chamar se quiser a sapatão
o nosso grito se espalha em forma de arte
onde existir o preconceito entramos pro debate
de todos os lugares sente a nossa malandragem
o exército é a favor da liberdade.

Parte da letra do Rap⁴ LES Queens[§]
de Luana Hansen, Dory de Oliveira e Tiely Queen

Conforme apresentamos na Introdução, este artigo aborda algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres, a partir da metodologia junguiana, que trabalha com a compreensão dos fenômenos por meio dos símbolos e da imaginação encarnada, A opção deste trabalho pelo uso do termo como utilizado no espanhol: *imaginación encarnada* (imaginação encarnada) e não o comumente utilizado em português: imaginação ativa, refere-se a situar esta produção em alinhamento com alguns pressupostos da teoria feminista, que faz uso da perspectiva de corporificação e objetividade situada.

Donna Haraway (1995) apontou a necessidade das teorias feministas se situarem considerando a complexidade epistemológica que preserva a historicidade e a especificidade corporificada e encarnada em cada experiência, sem abrir mão de critérios das ciências humanas críticas.

As feministas não precisam de uma doutrina de objetividade que prometa transcendência, uma estória que perca o rastro de suas mediações justamente quando alguém deva ser responsabilizado/a

⁴ O trecho foi retirado do artigo de Lettícia Batista Rodrigues Leite: LEITE, Lettícia Batista Rodrigues. Quando a “décima musa” inspira raps e tambores: dos usos políticos da figura de Safo por vozes lésbicas e feministas no Brasil contemporâneo. *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v. 2, n. 2, , 2017. p. 572. O rap pode ser escutado na íntegra em: <https://soundcloud.com/les-queens/les-queens>. Acesso: maio. 2022.



por algo, e poder instrumental ilimitado. Não queremos uma teoria de poderes inocentes para representar o mundo, na qual linguagens e corpos submerjam no êxtase da simbiose orgânica. Tampouco queremos teorizar o mundo, e muito menos agir nele, em termos de Sistemas Globais, mas precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes - e diferenciadas em termos de poder. Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro. (Donna HARAWAY, 1995, p. 15)

A noção de corporificação envolve um compromisso com as vivências reais, concretas e corpóreas, uma “responsabilidade pela diferença” (Donna HARAWAY, 1985, p. 30), que contribui para a produção de conhecimentos não dicotômicos e não universalistas. “O corpo é um terreno privilegiado das disputas em torno quer de novas identidades pessoais, quer da preservação de identidades históricas, da assunção de híbridos culturais ou das recontextualizações locais de tendências globais” (Miguel ALMEIDA, 1996, p. 4).

Entendendo, portanto, que o termo “imaginação encarnada” traduz de maneira mais concreta o espírito feminista, assumimos como parte do caminho metodológico e epistemológico o conceito de “imaginação encarnada”, presente na Psicologia Junguiana. Esta abordagem tem por método a compreensão dos fenômenos a partir dos símbolos e imagens que deles emergem, considerando a amplificação do símbolo como caminho de produção de conhecimento (Eliane PENNA, 2014), e a sensibilidade, os afetos e as imagens como conteúdos de exploração científica.

Imaginação encarnada, que em português tem sido utilizado como “imaginação ativa” (Carl JUNG, 1916/2012), refere-se basicamente à possibilidade de construir e amplificar sentidos para as imagens e símbolos que emergem em situações espontâneas e de rebaixamento da consciência racional, como os sonhos, e analogamente experiências extáticas, religiosas, espirituais... Jung teve uma infância com difícil relacionamento com os pais, demonstrando se sentir solitário em seus questionamentos da vida (Carl JUNG, 1985). Jung chegou a manifestar que estabelecia quando criança uma divisão em sua personalidade (1



e 2) e que a “saída” para lidar com as angústias desse período foi a imaginação. Dentre outras ações, como imaginar os quadros de sua casa “vivos”, em movimento, Jung esculpiu em madeira a figura de um pequeno homem, representando a si mesmo e colocou-o no sótão de sua casa, escondido. Assim, sentia-se em segurança, acolhido em momentos de angústia. (Carl JUNG, 1985).

A imaginação encarnada é assim definida por Jung: “Um método de introspecção (...) que consiste na observação do fluxo de imagens interiores: concentra-se a atenção em uma imagem onírica que causa impacto, mas é ininteligível, ou em uma impressão visual, observando-se as mudanças que ocorrem na imagem”. (Carl JUNG, 1931/2012, p. 192).

Este “trabalho” da imaginação encarnada toma expressões variadas (pintura, desenho, escultura, dança, poesia, teatro...), em que a pessoa cria gradativamente uma rede de significados associados à imagem original, permitindo uma integração das temáticas evocadas com aquela experiência simbólica. “Deve permitir que a fantasia se expanda o mais livremente possível, mas não a tal ponto que fuja da órbita de seu objeto, isto é, do afeto, realizando, por assim dizer, uma interminável cadeia de associações cada vez mais ampla” (Carl JUNG, 1916/2012, p. 28).

Na clínica, o processo da imaginação encarnada faz parte da amplificação simbólica e seria análogo a sonhar acordada/o, reagindo, criando e construindo significados em diálogo com o símbolo em destaque. Já no processo de produção acadêmica, a imaginação encarnada é o caminho que permite a fluidez das imagens, possibilitando que uma rede de significados seja tecida com espaço para os afetos, as integrações e conexões que dali surgem.

Na Psicologia junguiana, este caminho da imaginação encarnada apoia o processo de individuação, em que cada pessoa elabora sua própria jornada de vida, enfrentando os aspectos sombrios e assumindo uma história autêntica, por meio da criação. Trazendo este processo para o contexto lésbico, Carolina Guiñez (2019) afirma:

Quando uma lésbica se conecta com seu desejo, ela está tornando consciente um aspecto de sombra, pois é um aspecto de sua personalidade que é rejeitado na cultura heteropatriarcal em que está



inserida. Mas na medida em que a sombra se integra à consciência, ocorre o desenvolvimento de processos criativos, pois, como aponta Maite del Moral (2006), o impulso criativo só pode vir do inconsciente. A criatividade se expressa, assim, na articulação de seu próprio modo de existência, no sentido heideggeriano, uma vida autêntica, em sintonia com o Eu, abandonando o lugar atribuído desde o nascimento, o lugar de mulher, heterossexual, esposa, mãe... uma viagem em direção ao lesbianismo, onde não é possível saber de antemão o que ali se encontrará, pois é justamente a possibilidade de criar o que faz do lesbianismo um espaço de liberdade e construção de novos mundos. É por isso que o lesbianismo é irmão do feminismo desde seu início, pois tem um sentido transformador e, com ele, nos abre para a possibilidade de nos tornarmos outras. (Carolina GUIÑEZ, 2019, s.p.)

O caminho junguiano da expressão criativa, construindo lugares e significados para a existência, ecoa no universo lésbico e feminista que tem tido esses lugares existenciais negados em função de complexos culturais que associam a homossexualidade a imagens de abjeção, termo proposto por Julia Kristeva (1980).

A metáfora da arte como forma de criação existencial é também utilizada pela feminista decolonial Yuderkys Espinosa Miñoso (2007, p. 142), quando indica que:

A artista-autora, a verdadeira criadora, feminista mesmo sem saber, é aquela que ousou iniciar uma busca que não sabe onde leva. Libertar-se do lugar imposto já faz parte de seu próprio trabalho, porque ousou zombar de si mesma e de suas próprias restrições fundacionais, e começou a investigar e produzir sua própria palavra, seus próprios sentidos do mundo e sua própria corporalidade. (...) E é por isso que não podemos deixar de perceber que a primeira grande obra de todo artista criativo é fazer-se, recriar-se de fora ou em posição crítica aos mandatos culturais que lhe conferem um lugar no mundo. A sua arte torna-se pretexto para a sua própria criação.

O lugar e a morada lésbica têm sido fonte de construção inclusive epistemológica. Em espanhol: a “epistemologia tortillera” ou “epistemologia sapatona” tem sido estabelecida como parte de “um ethos, ou seja, como uma forma de ser e habitar a existência (...) que constitui



um olhar sobre o mundo, nos fornece uma linguagem, uma forma de narrar(nos) e fantasiar” (Valeria KIERBEL, 2019, s.p.),

Com base neste referencial teórico-metodológico, partimos agora para os desdobramentos das imagens e símbolos que surgem no contexto de coletivos feministas ligados aos círculos sagrados que têm repercutido as inspirações de Safo e das mulheres de Lesbos, de forma a construir lugares existenciais autênticos, íntegros e conscientes do caminho da individuação.

3. INSPIRAÇÕES DAS MULHERES DE LESBOS

Afrodite,
Senhora dos amores,
Dai força a todos aqueles que amam alguém do mesmo sexo.
Dai força para que lésbicas, bissexuais e gays possam lutar contra
a ideologia que os impedem de amar.
Abençoa-lhes os amores, auxilia para que vivam em um ambiente
seguro.
Conforta quem já perdeu alguém amado num crime de ódio e puna
os criminosos que o fizeram.
Proteja as mulheres que amam outras mulheres e temem por sua
segurança e de suas amadas.
Proteja os homens que amam homens que temem a violência con-
tra eles e seus amados.
Grandiosa Afrodite, proteja-os
O amor deles é tão sagrado quanto qualquer outro e merece viver
em tua benção.

Círculo Vale das Brumas, grupo Wicca da cidade de Pelotas, RS

O Círculo Sagrado Vale das Brumas, de Pelotas, Rio Grande do Sul, postou a oração poética acima, em 2016, em sua página do Facebook⁵, afirmando repudiar a lesbofobia e homofobia. A menção à poetisa de Lesbos Safo foi indicada. A oração à deusa Afrodite, que no imaginário do senso comum está associada ao amor, é justamente sobre o direito

⁵ <https://www.facebook.com/ValeDasBrumas/>, acesso em: maio. 2022.



ao amor e à sacralidade do amor, ou melhor, aos amores, no plural: mulheres que amam mulheres, homens que amam homens. Mas é também uma oração que aproxima os amores plurais da necessidade de segurança e proteção por conta da ameaça à violência.

Andréa Osório (2004, p. 157) indicou que a Wicca “assenta-se em uma cosmovisão que dá à mulher um valor e um papel preponderantes no universo, não apenas dentro da prática ritualística, mas também na interpretação mitológica”. Apesar dessa centralidade da mulher, há que se perguntar a que mulheres estamos nos referindo? A todas? Ou somente a algumas? Ela complementa:

Lésbicas, embora sejam homossexuais, permanecem dentro da categoria mulher, o que significa que o poder da bruxa é intrínseco à mulher, não importando qual a expressão de sua sexualidade. Ele é inerente e por isso não exclui as lésbicas. Os homossexuais masculinos, contudo, só se fazem inserir no sistema wiccano através de um artifício de gênero (...) O homossexual masculino na Wicca se torna mais próximo às mulheres. (Andréa OSÓRIO, 2004, p. 162).

Em artigo anterior realizado em parceria (Clarissa FRANCO; Eduardo MARANHÃO Fo., 2019), apontamos a transfobia presente em diversos círculos sagrados, baseada em aspectos normativos biológicos, já que muitos desses grupos acabam por reforçar os binarismos de gênero a partir da enaltação de atributos corporais que seriam exclusivistas de gênero, como a menstruação, o útero ou a maternidade, excluindo, desse modo mulheres que não se encaixam nesse universo, como as mulheres transgênero. No caso das mulheres lésbicas, esse argumento dialoga com outras perspectivas, já que anatomicamente as lésbicas preenchem os “pré-requisitos” do sagrado feminino.

Identificamos que há, portanto, uma diferença no tratamento recebido por pessoas transgênero e por mulheres homossexuais nos círculos sagrados. Notamos que há diferenças nas formas de se encarar a sexualidade e a identidade de gênero nos grupos wiccanianos. Tomando as palavras de Daniela Cordovil (2015), tais grupos “consideram que toda forma de restrição ou moralismo no que tange a sexualidade é um empecilho à plena realização humana. O que não significa que não



devam existir regras e uma ética relacionada ao cuidado com o corpo e ao exercício da sexualidade” (Daniela CORDOVIL, 2017, p. 95).

Nossa hipótese nesse sentido é que a transfobia presente em alguns círculos sagrados femininos e masculinos é pautada em um desconforto ligado à cosmovisão Wicca, que, embora seja aberta a orientações sexuais não tradicionais, ainda não se dissocia completamente do binarismo de gênero, quando identifica a sacralidade feminina a características anatômicas e psicológicas do que seria a representação da essência da mulher. Mesmo com as recentes revisões destas perspectivas, não chegamos ainda a um trânsito pleno das pessoas transgênero nos círculos sagrados (Clarissa FRANCO; Eduardo MARANHÃO Fo., 2019).

Além disso, o universo lésbico, apoiado em sua imagem originária das “mulheres de Lesbos” tem a presença de elementos como solidariedade, companheirismo, acolhimento e pertencimento entre mulheres (Sandra BOHERINGER, 2007), e algumas destas características, em especial o acolhimento e o pertencimento são vitais para a manutenção dos círculos sagrados, que se expressam no apoio dos círculos à resolução de contradições femininas contemporâneas (Daniela CORDOVIL, 2015).

Ainda que a cosmovisão da Wicca e dos círculos sagrados seja de valorização da mulher e de um exercício sexual mais livre em relação aos padrões tradicionais de outras religiões, o binarismo de gênero é reforçado pelo instrumental mágico, pelos rituais e também pela cosmologia, já que boa parte do material mágico das bruxas contemporâneas está atrelado ao universo doméstico, como caldeirão, vassoura, adaga, colher de pau (Andréa OSÓRIO, 2004). Além disso, as divindades, símbolos e princípios cósmicos são divididos em masculinos e femininos, há rituais do Sol e da Lua, e existe destaque a partes biológicas da mulher, como o útero.

Para Rocha e Oliveira (2014), o culto a divindades Queer, andróginas, homossexuais, não binárias, transgênero (como o deus azul Dian Y Glas), têm aumentado nos grupos Wiccanos, o que pode ser um caminho para maior abertura à participação LGBTQIA+.

Mesmo reconhecendo um espaço de maior abertura para lésbicas que para mulheres transgênero nos círculos sagrados e também aos homens gays, alguns espaços e depoimentos demonstram que o pre-



conceito ainda é presente. A página: <https://www.femininosagrado.com.br/ha-muito-preconceito-contras-lesbicas/> apresenta o depoimento de uma mulher, Laura Bacellar, sobre o preconceito contra lésbicas nesses espaços, no livro *Círculo de Mulheres: as novas irmandades*, de Beatriz Del Picchia e Cristina Balieiro (2019).

A militância em defesa do direito das lésbicas dentro e fora dos círculos sagrados ainda é uma realidade necessária. O ativismo em defesa dos direitos humanos de homossexuais vindo do grupo religioso que se apresenta como “Grupo de Wicca da cidade de Pelotas, RS”, mescla-se com postagens que oferecem atendimentos esotéricos com pedras e tarô, anúncios de festivais de deusas, ofertas de feitiços. Tal mistura, que pode ser vista como ambígua, em função das linhas diretivas que orientam o debate político feminista, de um lado, e o debate mágico-esotérico-espiritual do sagrado feminino, de outro, justifica-se pela lógica da resolução de contradições femininas da contemporaneidade, já aqui citada (Daniela CORDOVIL, 2015) e pelo conhecido empoderamento das mulheres por diversas vias.

Uma das poesias da brilhante Safo que chegou até a contemporaneidade e que provavelmente teria influenciado este grupo foi *Ode a Afrodite*, que se revela como um pedido aflito de Safo à Afrodite para que a deusa seja uma aliada no amor que sente, em geral interpretado como sendo por outra mulher.

Ó Afrodite sem-morte, do manto florido ofuscante,
filha de Zeus, tecelã de ardis,
suplico-te, ó dominadora,
não me abatas de angústias e dores
(...)

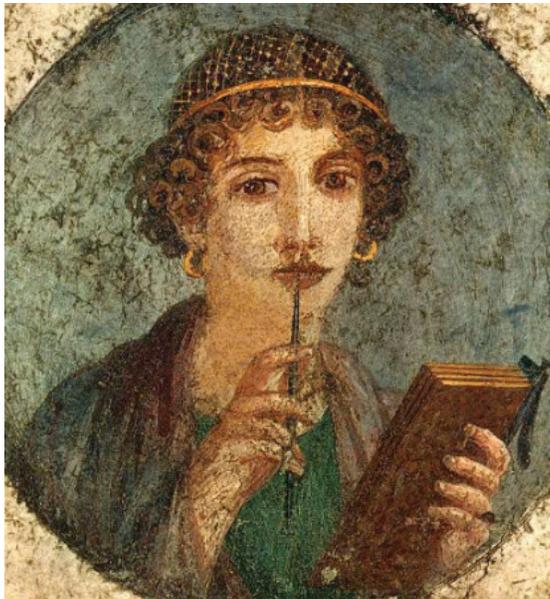
e o que mais desejo
que na alma inquieta se cumpra.
“A quem queres que dobre a teu amor,
ó Safo? Quem te ofende?”

Aquela que ora foge, logo te seguirá,
a que favores recusa, os oferecerá,
e se não ama, em breve,
contravontade amarás.”

Vem pois a mim, e agora,
dissolve o duro tormento,
ocorra o que anseia minh'alma,
alia-te a mim, Afrodite!

Parte do poema Ode a Afrodite, Safo, tradução de
Fabio Malavoglia (In: Joaquim FONTES, 1992/1993, p. 71)

*Woman with wax tablets and stylus
(so-called “Sappho”),
imagem de domínio público.*



Orar, pedir e se relacionar de maneira próxima com uma deusa – a Afrodite – faz de Safo uma precursora da valorização que os círculos sagrados de mulheres fazem às deusas.

Assim como este grupo de Wicca (Círculo Sagrado Vale das Brumas), outras iniciativas similares de acolhimento às mulheres lésbicas e combate público à violência contra pessoas LGBTQIA+ têm se destacado na última década em coletivos pautados em uma junção contemporânea entre espiritualidade e autoconhecimento, voltada à figura a que Danièle Hervieu-Léger (2008) chamou de “peregrino”, que constrói, de forma autônoma e descolada das religiões institucionais e seus ritos, as



experiências que conferem à sua vida sentido existencial e espiritual. A imagem do peregrino ou da peregrina nos remete à perspectiva de busca e de caminhada leve, sem amarras. No tarô tradicional, conhecido como Tarô de Marselha, a figura do peregrino está representada pela carta 0 ou 22, chamada de o Louco, ou o Tolo, ou ainda o Bobo, que traz a imagem de uma pessoa carregando uma trouxa leve nas costas, caminhando com tranquilidade e certa inocência, olhando o horizonte e não se importando com desafios do caminho, representados por animais perigosos e abismo. É uma figura sem apegos, que busca viver a plenitude do momento.

Na linguagem junguiana, a/o peregrina/o está atrelada/o ao arquétipo do Trickster e que foi definido por Carl Jung (2000) como um dos principais arquétipos da psique, que navega entre aspectos sombrios da humanidade e personas desafiadoras para o status quo. O Trickster condensa diversas imagens que envolvem transgressão à ordem vigente em diferentes níveis e formas. É, ao mesmo tempo, o/a andarilho/a livre e descompromissado/a com as formalidades, o/a fora da lei, o/a anti-heroi/anti-heroína que desafia os padrões em torno de uma ética e estética transgressora e incômoda, o/a bufão/bufona, o/a palhaço/a, o/a tirador/a de sarro, que de forma lúdica, bizarra, fantasiosa, indigesta, carrega certo escárnio em relação ao sistema vigente. Figuras clássicas de Trickster são o personagem Coringa, Zé Pilintra, Macunaíma, entre outros/as.

O Louco do tarô, além de se caracterizar como o andarilho livre de amarras e apegos relativos a uma vida enquadrada no sistema, apresenta-se como o bufão ou o bobo da corte, que sobrevivia de piadas sobre a realeza para a própria realeza. E, sendo louco, está inevitavelmente, à margem do sistema normativo sobre normalidade e loucura.

Danièle Hervieu-Léger (2008) captou uma das imagens arquetípicas do Trickster ao destacar o peregrino como um tipo ideal contemporâneo do buscador e da buscadora religiosa/espiritual, sem as amarras das instituições religiosas, de seus ritos e dogmas. É nesse tipo de universo religioso que transitamos nesse artigo, em diálogo com o universo sacralizado das lésbicas.

No universo gay masculino, também vemos iniciativas que associam espiritualidade dos círculos sagrados com defesa pelos direitos



humanos LGBTQIA+. O grupo *Radical Faeries* ou Fadas Radicais, fundado pelos ativistas gays Harry Hay Jr. e Don Kilhefner em 1979 na Califórnia, EUA, está em consonância com essa imagem do/a peregrino/a e do que Danièle Hervieu-Léger (2008) chama de “modernidade religiosa”, com ênfase em características como subjetivização e individualização da crença e insubordinação a qualquer instituição religiosa.

A fala que se segue é de um seguidor do *Radical Faeries* e foi coletada pelo jornal *The Guardian* ao cobrir o evento *Saturday at San Francisco Pride*⁶:

“Não gosto que ninguém me diga quem sou ou quem tenho que ser. Isso é um anátema para a minha essência. Eu sou autodefinido e autodescrito e isso é meu direito.” disse Storm Arcana, 42.

Radical Fairies já tem grupos de círculos sagrados na Europa, Oceania, Ásia e em alguns países da América Latina, considerando Américas do Sul e central, como México, Colômbia e Porto Rico. E que se autodescrevem como: “homens gays que procuram uma dimensão espiritual para nossa sexualidade; muitos de nós são curandeiros de um tipo ou de outro. Nossos valores compartilhados incluem feminismo, respeito pela Terra e responsabilidade individual em vez de hierarquia. Muitos de nós são pagãos (religião baseada na natureza)”⁷.

O movimento tem cobrado as redes sociais, como o Facebook, a eliminar discriminações e restrições ao uso do nome social e outras ações em nome dos grupos LGBTQIA+.

Voltando ao universo do lesbianismo e espiritualidade, o grupo *Namastu*, portal de autoconhecimento, promoveu em setembro de 2019 a *Vivência Terapêutica – Sagrado Lesbiano*, citando “os poemas líricos de Saffo de Lesbos”. Assim, o grupo explicou em sua página o significado dessa experiência:

(...) a Deusa Saffo de Lesbos, recita poemas líricos para suas alunas. Esta será uma vivência sagrada para celebrar nossa existência lésbica. Nas oficinas de Ginecologia Autônoma, a terapeuta Mayza Dias sentiu a necessidade de criar um workshop exclusivo para lés-

⁶ <https://www.theguardian.com/world/2015/jun/28/facebook-rainbow-colored-profiles-san-francisco-pride>. Acesso em maio de 2022.

⁷ <http://www.radfae.org/about>. Acesso em maio de 2022.



bicas e bissexuais. Não por acaso, a necessidade de sobrevivência, a heteronormatividade ocupa boa parte das conversas e discussões nos círculos de mulheres. Eis que no mês da VISIBILIDADE LÉSBICA, ela irá facilitar este círculo, tão cheio de minúcias afetivas e meandros subversivos. Mais do que isso, um espaço de discussão, formação e orientação sobre saúde lésbica. Uma vivência de conexão com nossa vulva, na perspectiva do sagrado feminino sapatônico. Um olhar de ternura e amor para nossa trajetória de mulher lésbica e/ou bissexual, para acolher nossas memórias particulares e necessidades mais íntimas. As vagas são limitadas. Valor de troca: 80,00. Duas vagas para cotas étnico-racial. (NAMASTU. <http://namastu.com.br/noticias/vivencia-terapeutica-sagrado-lesbiano/>, acesso em: maio. 2022).

O “sagrado feminino sapatônico” citado na postagem do grupo de autoconhecimento e espiritualidade Namastu traz essa importante imagem de desconstrução dos essencialismos e binarismos presentes na perspectiva de senso comum do sagrado feminino e masculino. Em artigo anterior (Clarissa FRANCO; Eduardo MARANHÃO Fo., 2019) apresentamos o termo: “sagrado não binário”, indicando a possibilidade de maior fluidez para a sacralização nos círculos sagrados, abrindo caminhos para uma maior inclusão das pessoas LGBTQIA+ por meio de uma revisão cosmológica e epistemológica, que envolve uma compreensão mais profunda da leitura junguiana para estes grupos.

A homossexualidade e o homoerotismo de Safo não são um consenso na literatura, conforme indica Sandra Boehringer (2007), além disso, pensar a orientação sexual há mais de dois mil anos não deve ser sob os mesmos padrões da atualidade. No entanto, isso propriamente não importa, já que o simbolismo da academia das mulheres de Lesbos, junto das poesias de Safo trouxeram uma espécie de mito de origem ao universo das mulheres lésbicas. Conforme vimos, várias imagens ligadas a essa origem mítica vão inspirando grupos lésbicos.

É o caso do grupo Tambores de Safo, que veio da militância de LAMCE – Liberdade do Amor entre mulheres no Ceará, e que utiliza a música e a arte para manter reflexões críticas feministas e de combate ao machismo e homofobia. Segundo Lettícia Leite (2017), o Tambores de Safo propõe “rodas de debate, oficinas de produção dos instrumentos de percussão e performances musicais, (...) escolas para jovens mulheres, práticas lésbicas”.



Apesar de não ser consenso a homossexualidade de Safo, e sim algo mais simbólico, como já indicamos, muitos fragmentos de poesias de Safo demonstram como a temática do amor era central seus escritos.

“Eros sacudiu minh’alma como o vento que rola da montanha e cai sobre a fronde de carvalho...” (fragmento 44) Safo (In: Joaquim FONTES, 2021)

“Qual coisa é mais linda sobre a terra sombria? De. infantes ou cavaleiros a tropa que desfila? No mar, bem posta esquadra de navios? Quanto a mim, penso: Belo é tudo aquilo que se ama.” (fragto. 27) Safo (In: Joaquim FONTES, 2021)

“Há tanto tempo eu te amo, minha Átis!” (Fragto. 41) Safo (In: Joaquim FONTES, 2021)

E foi com uma mensagem de amor e cumplicidade entre as mulheres de Lesbos, que puderam exercitar sua autonomia e espontaneidade na construção da inteireza do ser, que Safo tornou-se símbolo dessas iniciativas, que integram espiritualidade e ativismo lésbico. Nesse sentido, Carolina Guíñez (2019, s.p.) diz:

a individuação de uma mulher que ama outra mulher é um processo alquimista, através do qual todo o processo de criação se repete através da criação de si mesma e de seu próprio mundo. O que fazemos através desse processo é criar nossa própria existência, construindo espaços de resistência ao patriarcado, onde podemos estar e nos expressar de novas maneiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória deste texto costurou imagens e símbolos em forma de poesias, orações, vivências, artes e expressões em geral, ligadas ao lesbianismo e aos círculos sagrados, identificando como aos poucos vão se abrindo espaços para a presença LGBTQIA+ nesses grupos, mesmo que ainda haja reforço aos binarismos de gênero e transfobia, principalmente. As mulheres lésbicas passam aos poucos a encontrar pequenos nichos de representatividade nos círculos e dentre estes espaços, ter uma referência de origem como Safo e as mulheres de Lesbos, que envolve um período clássico da história em que homens dominavam os espaços literários e de representatividade em geral, torna-se um símbolo de inspiração.

As trombetas, as poesias, o machado de Labrys, as reuniões de mulheres, as danças, as orações à deusa do amor... muitas foram as imagens que aqui visitamos como ao mesmo tempo referências míticas, e também corporificadas, porque reais, concretas, situadas na vida das mulheres de Lesbos e das mulheres lésbicas que têm se inspirado com estes movimentos.

Como já realizamos em artigo anterior (Clarissa FRANCO; Eduardo MARANHÃO Fo., 2019), nossa tarefa entre outras, também foi de reforçar que existem caminhos para a possibilidade de se configurar sagrados lésbicos, sagrados transgênero, sagrados não binários, sagrados gays, que possam encontrar ecos entre experiências terrenas e corpóreas de defesa de direitos LGBTQIA+, ao lado de experiências espirituais, sagradas, transcendentais e religiosas. Tais universos não se excluem, são importantes dimensões humanas que precisam de espaços.

Finalmente, considerando a abordagem que aqui escolhemos, terminamos com mais uma bonita declaração de Carolina Guíñez (2019, s.p.):

Diversas sexualidades contribuem, dessa forma, para a individuação coletiva, trazendo as transformações sociais necessárias para a expansão da consciência humana. A transformação individual tem um efeito sobre o grupo ao qual pertence, de modo que a individuação não é apenas uma conquista individual, mas beneficia o coletivo.



Machado de Labrys - <http://sagrado-feminino.blogspot.com/2010/01/labrys-machado-da-deusa.html>. Acesso em maio de 2022



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. O Corpo na Teoria Antropológica. **Revista de Comunicação e Linguagens**, 33: 49-66, 2004.
- ANTUNES, Leonardo. Safo - **Fr. 1 e Fr. 31**. Nuntius Antiquus, Belo Horizonte, v. 4, 2009.
- BOEHRINGER, SANDRA, *L'Homosexualité féminine dans l'Antiquité grecque et romaine*. Paris, Les Belles Lettres, 2007.
- CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. **Estudos Feministas**, v. 23, n. 2, 2015. 431-449 p.
- CORDOVIL, Daniela. Sexualidade, Espiritualidade e Conjugalidades na Wicca Brasileira. Dossiê Religião e sexo. **Relig. Soc.** 37 (1), Jan 2017.
- DEL MORAL, Maite. Prólogo. In: NEUMANN, Eric. **Psicología profunda y nueva ética**. Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- DEL PICCHIA, Beatriz; BALIEIRO, Cristina. **Círculos de Mulheres: novas irmandades**. São Paulo: ed. Ágora, 2019.
- FAUR, Mirella. **Círculos sagrados para mulheres contemporâneas**. São Paulo: Pensamento, 2011.
- FONTES, Joaquim Brasil. A tecelã de intrigas. **Clássica**, São Paulo, 516: 69-82, 1992/1993.
- FONTES, Joaquim Brasil. **Safo de Lesbos: poemas e fragmentos**. São Paulo: Iluminuras, 2021.
- FRANCO, Clarissa De; MARANHÃO Fo., Eduardo Meinberg de Albuquerque. Sagrado Não-Binário? O conceito de psique andrógina na reformulação do debate de gênero no Sagrado Feminino. **Revista Mandrágora**. v. 25, n. 2, 2019.
- GUIÑEZ, Carolina. Alquimia del deseo lesbiano. **Revista Fuga**, maio 2019. Disponível em: <https://revistafuga.home.blog/>. Acesso em: dia abr. 2022.
- HANSEN, Luana; OLIVEIRA, Dory de; QUEEN, Tiely. **Rap LES Queens\$**, 2015. Disponível em: <https://soundcloud.com/les-queens/les-queens>. Acesso em: maio. 2022.
- HARAWAY, Donna. SABERES LOCALIZADOS: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. 1995. 07-41 p. (5):
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. **Obras completas Vol 8/1: A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 1916/20212.
- JUNG, Carl Gustav. **Obras completas Vol. 8/2: A Natureza da Psique**. Petrópolis, Vozes, 1931/2012.
- JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- JUNG, Carl Gustav. Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo. In: JUNG, Carl. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.



KEIRBEL, Valeria. Epistemologia(s) tortillera(s) para una Psicología Analítica (im)posible. **Revista Fuga**, maio 2019. Disponível em: <https://revistafuga.home.blog/>. Acesso em: abr. 2022.

KRISTEVA, Julia. “Approche de l’abjection”. **Pouvoirs de l’horreur: Essai sur l’abjection**. Paris: Éditions du Seuil, pp. 07-27, 1980. Tradução de: de Allan Davy Santos Sena.

LEITE, Lettícia Batista Rodrigues. Quando a “décima musa” inspira raps e tambores: dos usos políticos da figura de Safo por vozes lésbicas e feministas no Brasil contemporâneo. **Heródoto**, Unifesp, Guarulhos, v. 2, n. 2, dez. 2017. 564-578 p.

MIÑOSO, Yuderlys Espinosa. **Escritos de una lesbiana oscura**: reflexiones críticas sobre feminismo y política de identidad en América Latina. Buenos Aires: En la Frontera, 2007.

OSÓRIO, Andréa. Bruxas Modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de Wicca. **Campos** 5(2):157-172, 2004

PENNA, Eliane. **Epistemologia e método na obra de C G Jung**. São Paulo, Educ: 2014.

POLESSO, Natalia Borges. Sobre visibilidade lésbica e ocupação dos espaços. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 61, e. 611, 2020.

MELO, Indianara Pereira. **Entre os mundos**: uma reflexão na ótica da psicologia analítica sobre o neo-paganismo, imaginação ativa e a contemporaneidade. Pós-graduação em Teoria e Psicoterapia Junguiana. Faculdade Hélio Rocha – Salvador BA, 2013.

ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá; OLIVEIRA, Elton Bruno Amaral. INFLUÊNCIA DOS ESTUDOS QUEER NO PAGANISMO CONTEMPORÂNEO. **Revista Gênero & Direito**. v. 3, n. 1, 2014.

<http://namastu.com.br/noticias/vivencia-terapeutica-sagrado-lesbiano/>. Acesso em: maio. 2022.

<https://www.instagram.com/lesbianasjanguianas/>, acesso em: abr. 2022.

<https://www.facebook.com/LJgrupodeactivismo/>, acesso em: abr. 2022.

<https://revistafuga.home.blog/>, acesso em: abr. 2022.

<https://www.facebook.com/ValeDasBrumas/>, acesso em: maio. 2022.

<https://www.femininosagrado.com.br/ha-muito-preconceito-contra-lesbicas/>. Acesso em: maio. 2022.

<https://www.theguardian.com/world/2015/jun/28/facebook-rainbow-colored-profiles-san-francisco-pride>. Acesso em: maio. 2022.

<http://www.radfae.org/about>. Acesso em: maio. 2022.

<http://sagrado-feminino.blogspot.com/2010/01/labrys-machado-da-deusa.html>. Acesso em: maio. 2022.

Submetido em: 16-5-2022

Aceito em: 11-6-2022